

## **A INFLUÊNCIA ARQUETÍPICA DA ANIMA E DO ANIMUS NO SURGIMENTO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO CONJUGAL**

Fabricia Fiorotti Rodrigues Cabaline<sup>1</sup>; Rafael Cabaline de Souza<sup>1</sup>; Alba Valéria de Almeida da Silva<sup>1</sup>; Kirlla Cristhine Almeida Dornelas<sup>2</sup>

1. Acadêmico de Psicologia na Faculdade Brasileira – Multivix Vitória – ES.

2. (Orientadora) Graduação, Mestrado e Doutorado em Psicologia pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo.

### **RESUMO**

Correlacionar a psicologia analítica aos conflitos dos casais significa entender as manifestações da psique de cada sujeito dessa relação. Por meio dos arquétipos da anima e do animus, Jung tem contribuído de maneira única na compreensão do homem e da mulher e como eles se inter-relacionam, a partir do entendimento que todo ser humano é andrógino. A partir dessas considerações, utilizaremos os conceitos da psicologia analítica para uma compreensão simbólica desses arquétipos nas relações conjugais heterossexuais. O trabalho desenvolvido seguiu as diretrizes do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde foram destacadas algumas categorias para análise. Tais foram interpretadas através da análise de conteúdo. Após a leitura do *corpus*, foram identificados os conflitos mais recorrentes no cotidiano do casal como: ciúmes, inveja, infidelidade e necessidades pessoais. Para discutir os conflitos dentro da perspectiva analítica foram apresentadas as projeções e os conflitos arquetípicos da anima e animus. Foram identificados fatores resolutivos como a comunicação entre os cônjuges, a confiança e a psicoterapia para proporcionar o desenvolvimento positivo da trajetória do casal.

**Palavras-Chave:** Relacionamento conjugal; anima e animus; psicologia analítica; conflitos.

### **ABSTRACT**

To correlate the analytical psychology with couple conflicts means to understand the manifestations of psyche of each person of this relationship. Through the archetypes of the anima and the animus, Jung has been contributed uniquely in the understanding of man and woman and how they interrelate, from the understanding that every human being is androgynous. From there we will use the concepts of analytical psychology for a symbolic understanding of these archetypes in heterosexual conjugal relationships. The work developed followed the directives of the exploratory study, through a bibliographical research, where some categories for analysis were highlighted, these categories were interpreted through content analysis. After reading the corpus, were identified the most recurrent conflicts in the daily life of the couple like: jealousy, envy, infidelity and personal needs. To discuss the conflicts inside the analytical perspective, the archetypal projections and conflicts of the anima and animus were presented. Resolving factors were identified like the communication between spouses, the confidence and psychotherapy to provide positive development of the couple's trajectory.

**Keywords:** Conjugal relationship; anima and animus; analytical psychology; conflicts.

### **1 INTRODUÇÃO**

Muitas são as questões que desafiam a vida dos casais, e encontrar respostas que contemplem essas questões tem levado muitos autores a pesquisar sobre os conflitos nos relacionamentos conjugais. Em face disso, correlacionar a psicologia analítica aos conflitos dos casais, significa entender as manifestações da psique de cada sujeito nessa díade. Para melhor entender tal contexto é necessário uma compreensão sobre o amor romântico, que está diretamente implicado na viabilidade do vínculo de um indivíduo com o outro, e porque é o amor romântico quem anuncia um relacionamento genuíno.

Os ideais do amor romântico foram expandidos na burguesia. O casal poderia encontrar nesse amor um ambiente que possibilitaria o apoio emocional. Consideremos a diferença do amor apaixonado para o amor romântico. O primeiro é visto como invasivo, e leva o indivíduo a

evitar suas tarefas cotidianas. O amor apaixonado tem um tom de encanto devoto, esse tipo de amor é tido como subversivo, sendo assim, perigoso e não reconhecido como um alicerce para um relacionamento conjugal. O amor romântico começou a ser demarcado no final século XVIII, embora diferente do amor apaixonado, foram introduzidos alguns desses elementos (GIDDENS, 1993).

No final do século XIX para o início do século XX, com o advento das pílulas anticoncepcionais, o divórcio, e com a igualdade entre homens e mulheres e a maleabilidade que os seres apresentavam para se relacionar, o encantamento das tragédias dos romances da era romancista foram perdendo força. Amar o outro no relacionamento é amar a pessoa como ela é. Esse amor romântico não é eterno, o ser humano carrega em si várias vivências consideráveis que podem resultar em alguns problemas psíquicos, causando medo e inseguranças. Para se amar é necessário que tenha um grau de lógica, coragem e conhecimento. É observado que muitos relacionamentos nos ideais do amor romântico acabam em insatisfação, não por causa do amor, mas em relação aos ideais ilógicos que são transmitidos para o amor (BRANDEN, 1998).

Na perspectiva junguiana, pressupõe-se que a união entre duas pessoas é um relacionamento psíquico, com duas consciências, pois no estado de inconsciência não há esse relacionamento. Para que o indivíduo tome consciência de si é fundamental que o sujeito se diferencie do outro, e quando há essa distinção, é capaz de surgir um relacionamento. A escolha do outro se dá de uma maneira inconsciente, salvo por motivos de casamentos arranjados por influências dos pais ou sagacidade. As influências paternas e maternas direcionam o indivíduo à escolha do parceiro, pois quando há uma boa ligação com seus pais o sujeito se relacionará com o outro de maneira facilitada (JUNG, 1986).

Em uma convivência a dois, existe o eu e o outro de maneiras distintas. Dentro dessa relação há a possibilidade de dois se encontrarem e proporcionar experiências sexuais, íntimas, desafiadoras, além do desenvolvimento pessoal das pessoas envolvidas. A partir daí cria-se a terceira identidade do casal, que é a conjugalidade quando os dois se unem (ALBERT, 2015).

Segundo Jung, os arquétipos da anima e animus são os responsáveis pelos relacionamentos, fomentando uma concepção do outro e também a sua ruína. O encontro de dois sujeitos ativam esses arquétipos, conduzindo o casal para o relacionamento. Por meio dos arquétipos da anima e do animus, Jung tem contribuído de maneira única na compreensão do homem e da mulher e como eles se inter-relacionam. A partir do entendimento de que todo ser humano é andrógino, os arquétipos são representações que já existem desde a mais tenra humanidade. São formas estruturais de imagens que estão presentes no inconsciente coletivo, e que são, supostamente, herdadas biologicamente, expressando-se na forma de energia psíquica (JUNG, 1998; JUNG, 2002).

Dessa forma, os arquétipos constituem o alicerce dos padrões de comportamento humano instintivos, compartilhado por toda espécie humanitária, e são demonstrados à consciência de formas diferenciadas (SANFORD, 1986). Não há homem algum que seja, exclusivamente, masculino, não possuindo em si, algum traço feminino. Nesse sentido, quando o homem escolhe uma mulher para um relacionamento afetivo, essa escolha está implicada na imagem

que corresponda à sua própria feminilidade inconsciente, isto é, à mulher que corresponda a essa projeção. Numa relação inconsciente, a anima e o animus vão projetar, um no outro, o par ideal que se identifica com o que está internalizado com a figura masculina (pai) e feminina (mãe), respectivamente, que ambos têm como referência primeira na vida de cada um, e depositam nessa imagem o que esperam que cada um desenvolva conforme as expectativas que foram criadas diante de tais projeções. Enquanto essa relação ocorrer no inconsciente, ocorrerão também os conflitos, uma vez que não tenham consciência de suas projeções (JUNG, 2008).

Com relação à mulher, encontra-se presente em seu corpo uma minoria de genes masculina, que Jung vem chamar de animus, que se refere à parte masculina inconsciente presente na mulher. Dessa forma o animus contraria a própria natureza feminina, que na sua essência busca pelo relacionamento afetivo. Do mesmo modo que o homem, a mulher irá condensar todas as experiências que vivenciou com a figura masculina durante o curso da sua vida. E, a partir dessas referências arquivadas, inconscientemente, irá vai modelar a imagem que procura de um homem, projetando sobre ele uma imagem ideal. No caso da mulher, o primeiro receptáculo do animus é a figura do pai, que terá sua imagem projetada sobre o homem amado. Porém, do mesmo modo que a anima, o animus pode evoluir, o que significa a integração do masculino na consciência da mulher (SILVEIRA, 1981).

Na mulher, o animus pode se manifestar de forma que ela apresente uma voz firme, masculina e persistente, determinando muitas vezes suas afirmações com traços impetuosos. Contudo, uma mulher que não apresente essas características e exteriormente se apresente feminina, o animus se demonstra com a mesma força, e esbarramos com uma mulher irreduzível, impiedosa e impenetrável. As concepções do animus são inquestionáveis, possui uma opinião fixada, firme, quando constelado em sua forma negativa ou obscura. A anima quando eclode no homem de forma negativa irá se expressar de maneira irritada, incerta e angustiada. As situações cotidianas ficam sem sentido e com aspecto pálido, tornando o homem com aspectos rancorosos, venenosos, desvalorizando todos os aspectos da vida, incapacitando-o de lutar pelos seus princípios. Esse arquétipo pode influenciar o homem positivamente na escolha de sua parceira, e também o socorre quando necessário a discernir pontos escondidos em seu inconsciente, sintonizando a consciência masculina com seus valores pessoais mais significativos. Esses arquétipos quando manifestos de forma positiva apresentam uma conexão para o self (núcleo mais profundo da psique) do sujeito através de uma ação criativa (FRANZ, 2008).

Estudar essas influências arquetípicas que impactam a relação conjugal permite aos sujeitos perceberem que além das manifestações conscientes, os fenômenos inconscientes muitas vezes assumem o controle da relação do casal, acarretando sérios prejuízos para a relação. A procura homem/mulher é arquetípica, assim como também são seus conflitos. A partir daí utilizaremos os conceitos da psicologia analítica para uma compreensão simbólica da anima e animus nas relações conjugais heterossexuais. Considerando essa relação como uma tarefa complexa na construção do vínculo do casal, buscamos por meio deste artigo proporcionar uma melhor compreensão das relações amorosas e dos conflitos que permeiam essas relações, promovendo a ampliação da consciência que, por meio do enfrentamento dos conflitos e o confronto com as sombras, poderá favorecer desse modo no processo de individuação.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido seguiu as diretrizes do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50). Portanto, realizamos o levantamento de dados na plataforma Google Acadêmico com os seguintes descritores: Anima e animus; relacionamentos conjugais; conflitos conjugais e psicologia analítica junguiana. Após uma leitura flutuante, foram selecionados 07 artigos científicos no período de 1998 a 2016, que dissertam sobre temática objetivada pela pesquisa. A partir da proposta de Franco (2005), para a análise de conteúdo, destacamos a relevância teórica revelada no *corpus*.

## 3 REFLEXÕES ANALÍTICAS

Ao realizarmos a análise dos conteúdos, podemos destacar alguns conflitos e sua relação com as experiências de anima e animus do casal, assim como estes arquétipos, também, podem conter em si os elementos resolutivos para uma maior satisfação do relacionamento conjugal.

### 3.1 CONFLITOS

Nas lamúrias e conflitos conjugais, existem fatores que após a iniciação de um relacionamento, atrai ambos os cônjuges, e, após um tempo dessa relação, transformam-se em uma dificuldade de tolerar o outro. Há uma potência inconsciente de um parceiro agindo sobre o outro, estímulo esse capaz de conceber um ambiente de caos no convívio conjugal, que incentiva os cônjuges a atuarem em conjunto no inconsciente do outro, podendo perdurar algumas situações que podem ser insolúveis ou estáticas (BENEDITO, 2004). Para isto, discutiremos os seguintes conflitos: ciúme, inveja, infidelidade e as necessidades pessoais.

#### 3.1.1 O CIÚME

O ciúme é demonstrado na maioria das vezes no relacionamento para que seja preservada a fidelidade dessa união, por mais consistente que seja a relação. Quando há ciúmes excessivos conseqüentemente essa união poderá se desfazer, pois esse sentimento deteriora os pensamentos do indivíduo, tornando-o escravo dessa sensação, podendo até mesmo conduzir o casal a enredos perigosos e lamentáveis (ALMEIDA, 2007).

Esse sentimento surge na relação quando há comparação, disputa ou medo de ser trocado por outro. Quando alguém sofre com o ciúme, sendo vítima ou opressor, há uma alteração em todo o sistema familiar, carregando consigo uma sensação de debilidade. O ciúme evidencia que algo não vai bem no relacionamento e se mostra como um sinal de alerta (ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008).

No encontro amoroso entre duas pessoas, há uma grande possibilidade de que um dos parceiros se sinta ameaçado nessa relação. Se a ameaça é real ou imaginária, o ciúme pode aparecer. O indivíduo acometido pelo ciúme por não ter segurança dos fatos, entra num estado compulsivo a respeito da realidade, tendo uma visão turva da situação, conseqüentemente, aderindo às suspeitas (CAROTENUTO, 2004).

Se o ciúme for usado para encarcerar o parceiro, torna-se patológico. Na relação amorosa conjugal, quando o ciúme se torna patológico, pode influenciar em todo o contexto de vida

das pessoas envolvidas, interferindo em todas as áreas, tais como: social, profissional, familiar e íntima, por muitas vezes causando graves conflitos (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007). Quando existe esse ciúme doentio na união conjugal, causando um sentimento de ameaça em um dos parceiros, Pazo (2009) relata que pode haver vários tipos de agressões, inclusive a física.

Para a psicologia analítica, o ciúme está presente em todos os indivíduos por intermédio do inconsciente coletivo, e tem característica de função estruturante básica da psique, servindo como alimento para a consciência. Pode se transformar em um sentimento intolerante na relação conjugal. Em nossa cultura tradicional é de costume classificar o ciúme como uma ameaça, e admitir que possa ser benéfico para a evolução da consciência é uma tarefa complicada. Nesse momento, o ciúme reprimido atua na sombra, tornando-se subversivo e avassalador, desestabilizando o indivíduo (BYINGTON, 2005b).

Em contrapartida, em algumas situações, o ciúme pode aparecer de forma positiva no relacionamento, perante a reflexão que cada indivíduo faz desse sentimento, produzindo então um estado de alerta, onde cada poderá discernir os fatos (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007). Perante esse sentimento, o indivíduo que sente ciúme poderá consolidar seus pontos fracos e buscar uma completude em sua autoestima, mostrando dessa forma, que esse sentimento pode ser usado positivamente a seu favor.

Partindo dessa discussão sobre o desenvolvimento do ciúme na relação conjugal, notamos que é necessário que o casal desenvolva uma nova forma de se relacionar com as projeções da anima e animus, para que haja respeito e reconhecimento adequado dos valores femininos e masculinos, ou insatisfações existentes em cada um, a fim de que se inicie uma evolução de suas psiques, promovendo uma evolução do processo de individuação.

### 3.1.2 A INVEJA

Culturalmente a inveja não é completamente aceita, pois traz uma conotação de um sentimento ruim. Quando reprimida, produz mecanismos inconscientes que são aptos para mascará-la, objetivando rejeitar que ela exista. Inveja e ciúmes aparentam ser equivalentes, estabelecendo uma confusão. Porém, eles possuem diferenças entre si. Geralmente o ciúme é culturalmente permitido, pois se considera que há nele um esforço para recuperar aquilo que foi tomado do indivíduo. A inveja então emerge do sentimento de poder sobre o outro. (COLACITI; SARTORI, 2008). Diante disso, para Almeida (2007), a inveja é um elemento à parte dos ciúmes, mesmo que nos ciúmes a inveja também possa aparecer e valorizará ainda mais o julgamento que se faz do adversário.

A inveja pode se manifestar na vida do sujeito quase que imperceptível. Está enumerada como um dos pecados dentro da concepção da igreja, levando o indivíduo a sofrer quando se revela em sua forma mais intensa, evidenciando um desejo destruidor. Para o invejoso, ter alguma coisa equivalente ao outro não é satisfatório. A luta do invejoso é retirar do próximo que ele cobiça, as características ou qualidades do outro. Essa depreciação do objeto do outro é para que o ganancioso não precise mais invejar o que é do próximo e possa se regozijar. Em contrapartida, essa sensação da inveja faz com que o indivíduo com sua ganância se sinta impotente e incapaz, afirmando através desse comportamento a supremacia do outro ser (ALMEIDA, 2007).

É de costume a inveja estar presente na vida dos indivíduos, um sentimento muitas vezes camuflado, algo que não se pode confessar. Está exposta em diferentes situações, e pode ser considerado um atributo humano. A pessoa que possui inveja do outro, está sempre em estado de alerta, por vezes desconfiada, fazendo com que o sujeito invejoso se sinta inferior aos outros. Esse sentimento costuma vir acompanhado de uma cólera, e um sentimento de não aceitação do sucesso alheio. (BANDELI; CARDOSO; DALCO, 2003).

A partir das reflexões da psicologia analítica, analisa-se que esses momentos de tensão e aflição também têm muito a nos ensinar. Nossa consciência e nosso inconsciente vão catalogando todos os acontecimentos cotidianos, ruins ou bons para que os seus significados tenham uma contribuição para a existência do sujeito. Obviamente se essa função estruturante da inveja for levada para o lado destruidor, essa função operará na sombra do indivíduo. O desejo é como um impulso para o sujeito, e na inveja esse desejo aparece como uma vontade de gozar daquilo que o outro possui. Esse desejo é de grande importância para o Self, impulsionando o processo de individuação do sujeito, e essa inveja criativa vai se empenhar a buscar e dedicar sua vida na realização desses desejos. Como a inveja é arquetípica, quando negativa, destrói essa capacidade criativa, atuando na sombra e limitando a consciência. (BYINGTON, 2005a).

De fato, quando o casal não percebe a negatividade da inveja, acarretará em danos para esse relacionamento como: sentimento de inferioridade, insegurança, desconfiança; o sujeito age com sarcasmo, ironia, levando a um desgaste do relacionamento (COLACITI; SARTORI, 2008). Nota-se a necessidade de os casais estarem atentos para qualquer manifestação desse sentimento em si de forma negativa, pois, para que esse relacionamento evolua e se prolongue, estar consciente das manifestações que nele ocorrem, torna-se extremamente relevante para a manutenção da relação.

### 3.1.3 A INFIDELIDADE

Na conjugalidade, a fidelidade está entre os maiores requisitos quando escolhemos um parceiro. Sendo assim, quando essas condições não são atendidas, torna-se um conflito muito obscuro para a relação. Na busca por um relacionamento, existem alguns fatores indispensáveis a respeito das qualidades almeçadas no outro indivíduo, tais como: companheirismo, fidelidade, dentre muitos outros atributos. Porém, encontrar em uma só pessoa todas essas idealizações é quase impossível. Diante desses fatos, o indivíduo acaba se relacionando, fazendo um “pacto” com o outro, e no futuro descobrirá que obteve algo inconcebível, surgindo assim os conflitos (COLACITI; SARTORI, 2008). Os parceiros apostam em uma relação total de confiança em suas relações conjugais (OLTRAMARI, 2009). Contudo, não existe nada eficaz que impossibilite uma traição, pois a infidelidade pode ser concebida até mesmo no pensamento, já que não há empecilho para a traição quando ela é desejo do indivíduo (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007).

A presença de outro na relação rompe com o que está estabelecido nessa conjugalidade. Há uma satisfação para um dos cônjuges e um desprazer para o outro. Nesse momento surgem os conflitos. Do triângulo amoroso, um dos componentes será desprezado, e a partir daí esse relacionamento será conduzido por um novo aspecto, de uma esposa ferida a um cônjuge que aparenta desinteresse (BENEDITO, 2004).

Aparentemente, parece difícil um casal entender que a traição começa com a traição de si mesmo. A traição pode ser entendida através da busca de reconhecer os fatores que estão implicados na angústia de cada indivíduo. Essa situação é comum na vida conjugal, é o momento onde a consciência tentará adquirir uma identidade própria, pois é na traição que o sujeito se torna um elemento próprio da sua história (CAROTENUTO, 2004).

Em nossa sociedade, em alguns casos, há o costume de se vingar do parceiro que trai na relação. Geralmente, há casos de morte do concorrente e até mesmo de um dos companheiros, resultado desse de um modelo de sociedade onde a cultura patriarcal predomina. Na mitologia grega também vemos vários exemplos de vingança por infidelidade de um dos cônjuges. Zeus, por exemplo, aniquilou Iason quando percebeu que Deméter e ele estavam tendo um caso. Por meio dos mitos identificamos que até mesmo em nossa literatura esses fatos retratam o que hoje acontece em nossa geração (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007).

De acordo com Sousa, Santos e Almeida (2009), a insatisfação na relação pode abrir lacunas e possibilitar a entrada de outra pessoa. Essa terceira pessoa traz com você inovações, que valorizam as qualidades e desvalorizam os defeitos, propiciando para quem trai uma comparação da relação extraconjugal para com a atual. O fato de o indivíduo escolher uma pessoa para ter uma relação, não significa que no futuro não possa mudar de ideia e querer se relacionar ao mesmo tempo com outra pessoa. A infidelidade pode ser tanto no âmbito emocional, quanto sexual. A emocional pode ser definida por uma ligação afetiva com uma pessoa fora do relacionamento conjugal. Quando o casal cria um laço amoroso ou sexual, carrega para a relação um “acordo inconsciente” para delimitar a vida conjugal.

Para que se produza o amor romântico, é fundamental que haja confiança. Sem ela, o relacionamento não se institucionaliza. Há um desejo de fidelidade como se fosse uma única maneira para que o amor romântico venha a se realizar (SILVA, 2005 citado por OLTRAMARI, 2009). Assim como encontramos vários “acordos” de fidelidade feita nos relacionamentos conjugais, notamos que as explicações para esse conflito também dependerão de como o casal conduz essa relação, e deve ser considerada a subjetividade do sujeito e sua cultura, que pode sofrer influência dos tempos mais remotos da sociedade em que vivemos, estando presentes no inconsciente de cada indivíduo dessa díade.

#### 3.1.4 NECESSIDADES PESSOAIS

A dificuldade do casal está no fato de conseguirem conciliar duas individualidades em uma relação conjugal. São duas pessoas diferentes, dois mundos diferentes, dois “eus” distintos nessa relação, sendo que na conjugalidade é uma identidade conjugal, o desejo é dividido, e todo o projeto de vida é unificado. Para que haja uma manutenção do casamento em tempos modernos e para que ele se constitua, o individualismo é um grande agente influenciador. Os laços que unem essa relação contemporânea não são enfatizados, porém, o que vemos é a supervalorização da autonomia e um contentamento individual dos cônjuges.

No entanto, no relacionamento conjugal, há uma identidade conjugal, demandando assim uma constituição de uma zona comum entre eles. Essa individualização no espaço conjugal

fragiliza o relacionamento, porque para fortalecer essa conjugalidade é necessário e quase que imprescindível a renúncia da individualidade (CARNEIRO, 1998).

Na maioria dos relacionamentos conjugais, Pazo (2009) relata que as mulheres cedem à sua individualidade, fazendo com que haja um desbotamento dela, e esse fator não diminui a elaboração de uma angústia no relacionamento conjugal, pois nesse momento, a sua individualidade se tornou obscura por causa do alargamento da individualidade do outro, o que por sua vez acaba causando deformações na estrutura de si, como, por exemplo, um suspeito sentimento de amor para com o parceiro.

De acordo com Reis (2007), logo quando o casal opta por estarem juntos, os cônjuges tendem a se adaptar às necessidades cotidianas e aos filhos. Dessa maneira, contemplar o parceiro na relação fica dificultoso. Essa circunstância rotineira na vida dos casais pode comprometer o relacionamento. Quando a individualidade prevalece, há uma ameaça de que o indivíduo esqueça suas obrigações com o cônjuge, refletindo também nos seus relacionamentos familiares e sociais.

As mulheres querem assumir um comando de suas escolhas, passam então a querer não se sacrificar em nome de suas famílias, mesmo que tal prática dê aos olhos dos outros uma posição digna. Passam então a questionar a respeito de continuar a serem leais a si e aos seus sentimentos, e ao mesmo tempo, não perdendo a responsabilidade com o cuidado com a família (PAZO, 2009).

Os casais continuam mantendo o relacionamento, mesmo que fingido, muitas vezes pela incerteza do novo, de encarar uma nova situação conjugal e um despreparo para lidar com uma situação econômica distinta da qual se tem vivido. As necessidades pessoais dos sujeitos, seus compromissos sociais, os filhos, os amigos colaboram para que esse relacionamento se perpetue, mesmo que de forma pressionada. Porém essa realidade mascara todos os aspectos subjetivos do casal, influenciando, negativamente, nessa relação (COLACITI; SARTORI, 2008).

Alguns fatores de insatisfação ficam bem aparentes quando tratamos da temática da necessidade pessoal dos parceiros na conjugalidade, tais como o tempo que o marido se dedica à parceira e até mesmo a sua percepção com a sua aparência. Já os homens, mostraram-se insatisfeitos com o comportamento da parceira quando ela está de mau humor. Outro fator em comum na relação conjugal, para ambos os sexos, é quando há um maior número de filhos, pois, piora a interação dos cônjuges (ANDRADE; COLETA, 2002). Quando não há uma comunicação adequada no relacionamento conjugal, onde uma das partes se queixa, mas não expõe o problema, é uma forma de ocultar o real motivo da queixa (GARCIA; TASSARA, 2001).

Nessa perspectiva, quando não há a mediação das próprias necessidades pessoais para com o outro parceiro, abrem-se lacunas que impedem a preservação dessa relação conjugal, e a busca para alcançar o equilíbrio desses desejos torna-se essencial para o prolongamento da conjugalidade.



### 3.2 OS CONFLITOS ARQUETÍPICOS

Os arquétipos são originados do inconsciente coletivo, que é uma dimensão mais profunda e inata, herdada. Sendo universal e existindo desde os tempos mais remotos, os arquétipos possuem algumas formas de comportamentos parecidas em diferentes partes do mundo para todos os sujeitos. Os arquétipos então são os conteúdos do inconsciente coletivo, e ficam claros quando são relacionados com os mitos e contos de fadas. Os efeitos provocados pelos arquétipos são sentidos nas mais diversas experiências cotidianas e pessoais do indivíduo, pois são conteúdos que não foram elaborados pela consciência (JUNG, 2002).

É de entendimento da psicologia analítica que dentro de um homem há um reflexo de uma mulher, e dentro da mulher há um reflexo de um homem, chamados de Anima e Animus, respectivamente, agindo na psique inconscientemente. Como homens e mulheres executam tarefas semelhantes no cotidiano, entende-se que somos polarizados harmonicamente pelo masculino e feminino, fazendo com que os homens possam agir de maneiras conceituadas femininas e as mulheres de forma masculina (SANFORD, 1986).

A projeção da anima e do animus tem um papel no relacionamento conjugal, diferenciando o interno do externo. Saber lidar com esse lado feminino/masculino dos arquétipos supracitados, desenvolve no casal uma independência, confiança e uma preservação dessa vida amorosa (REIS, 2007). Os dois arquétipos que serão mencionados abaixo podem se manifestar de forma positiva e de forma negativa. Dessa forma, iremos intitular como obscuro a sua manifestação negativa, analisados nos conflitos conjugais.

#### 3.2.1 ANIMUS OBSCURO

O primeiro depósito do arquétipo do animus na mulher é o pai. Em seguida, essa figura arquetípica é projetada em outros homens. Quando a mulher idealiza suas questões no homem que ama, faz dele uma figura masculina ideal, fazendo com que seja difícil o casal lidar com a rotina e conviver com ela, ocasionando assim futuras decepções. A mulher quando controlada pelo complexo paterno, tem nele um referencial masculino, e o animus presente nela é a demonstração desse complexo, possuindo uma índole ferida. Caso essa relação paterna tenha sido traumática, a mulher terá dificuldade de se relacionar com outra figura masculinas posteriormente, ou até mesmo com a figura arquetípica do animus (CHAGAS; CAMPOS, 2000; COLACITI; SARTORI, 2008).

Um dos componentes mais importantes do animus é o julgamento, que programa uma forma para que a mulher julgue o homem com um discurso pronto e indiscutível. A mulher não reconhece essa manifestação do animus dificultando o seu entendimento. Nela o animus personifica a força física, o logos, o intelecto, e todos os aspectos que são masculinos se tornam presentes na psique da mulher. As representações do animus podem aparecer nos sonhos através das imagens de pais, uma assembleia de homens ou talentoso homem que pode se transformar em vários protagonistas (JUNG, 1995).

O animus também aparece de forma obscura na mulher, produzindo efeitos na psique feminina, que pode se expressar através de pensamentos e comportamentos. Um efeito negativo do animus na mulher é a sua capacidade de privar a criatividade, impedindo-na de se realizar, ou mesmo manifestando-se em pensamentos negativos a fim de causar uma

sensação de ineficácia na mulher, dificultando assim sua capacidade criativa. Outro efeito negativo é quando a mulher se encontra conturbada por algo que aconteceu em seu relacionamento. Quando preferem o silêncio, escondendo seus sentimentos, deixam de solucionar o problema. Nesse momento, é o animus quem vai tomar o pontapé inicial para correr atrás ou até mesmo buscar uma vingança para resolver esses conflitos (SANFORD, 1986).

A problemática na mulher está em como ela se posiciona em relação ao animus. Se ela não se torna consciente, o animus nesse momento tem autonomia e se torna negativo, atuando de forma destrutiva, arruinando a mulher e suas relações interpessoais. A função espiritual na mulher quando não assumida pela consciência, vai determinar que a energia psíquica se deslocasse para o inconsciente, despertando o arquétipo do animus. Essa energia se torna independente e com capacidade de dominar a personalidade da mulher. Como a nossa cultura tende a valorizar apenas o que provem do masculino, desvalorizando o feminino, o animus parece sentir essa supervalorização do masculino se manifestando de forma autoritária (JUNG, 1995).

Um exemplo claro da manifestação do animus obscuro no relacionamento é quando o homem ao se sentir fracassado em seu desespero chega para sua parceira a fim de expor sua queixa na busca de apoio. Consequentemente, a mulher lhe responde com um tom generalizado à queixa do parceiro, e esse, no entanto, ao invés de receber o apoio almejado, sente-se rejeitado. A mulher não percebeu, mas o protagonista da ação foi seu animus negativo (SANFORD, 1986). Dessa forma, entende-se que o animus é uma parte inevitável na psique da mulher, e que tentar se desapropriar dele é impossível. O que deve ser feito é a busca do equilíbrio, para que suas relações se tornem mais fluidas e compensatórias, estágio esse que veremos mais adiante.

### 3.2.2 ANIMA OBSCURO

A anima é o componente feminino que habita nos homens, é a visão do feminino que carregam em si. Por ser a parte feminina no homem, a anima é hospitaleira, é quem anuncia os conteúdos do inconsciente para o consciente. Quem determina a anima é o Eros (amor), ao mesmo tempo em que no homem suas origens procedem do logos, que é a razão. As imagens da anima nos sonhos masculinos podem ser de uma mãe, irmã, filha, bruxa, imagens arquetípicas que podem ser projetadas na mulher, pois elas equivalem à feminilidade que está inconsciente na psique do homem (JUNG, 1995).

No homem o receptáculo da anima é a mãe, que irá determinar nas escolhas amorosas do homem, pois ele examinará o que melhor se assemelha a essa imagem da mãe. Não há um homem que seja por completo um ser masculino e nem mulher completamente feminina, porém o homem adquire uma facilidade maior para reprimir suas formas femininas. Esses traços femininos no homem são armazenados no inconsciente (GOTO; KAMEI; FUJII; 2007).

Como o primeiro receptáculo da anima é a mãe, para o homem é contemplado como algo fascinante. Essa anima será projetada para a mulher com que esse homem poderá se relacionar, e é nesse contexto que os conflitos do amor surgem, pela impossibilidade dessa mulher real condizer com essa imagem projetada do inconsciente (COLACITI; SARTORI, 2008).

Os efeitos negativos ou obscuros da anima dificulta a percepção do homem reconhecer os valores, predominantemente femininos que existem em si, e também nas outras mulheres. Um homem possesso pelo arquétipo da anima tenderá a ficar mal-humorado, sensível, estressado. Essas más disposições causadas pela anima no homem prejudicam os comportamentos masculinos, agindo como uma mulher perturbada por algum motivo. Ao chegar a um estado crônico, pode acarretar vários fatores negativos como alcoolismo, depressão e até mesmo o suicídio (SANFORD, 1986). No momento em que a anima é crivada nas relações do homem, acaba reduzindo o seu caráter, fazendo com que o homem se sinta extremamente frágil, petulante, de humor desequilibrado, receoso, esnobe e inoportuno (JUNG, 2002).

### 3.2.3 A PROJEÇÃO

A projeção é conhecida como um mecanismo de defesa do inconsciente, onde um sentimento hostil, ou desejos sentidos no mundo interno do indivíduo, pode ser expelido para fora compelido a outra pessoa (FREUD, 1990). Por ser um mecanismo psíquico inconsciente, o objeto que é projetado parece estar fora de si, fazendo parte de outra pessoa. Ele é automático e muitas vezes não reconhecido. Quando o conteúdo inconsciente se torna consciente, a projeção acaba. No relacionamento, os arquétipos da anima e do animus são projetados e a nossa percepção do outro fica modificada (SANFORD, 1986).

Quando o homem perde o controle de sua anima, algumas atitudes costumam aparecer, como: murmúrios, fragilidades nas atitudes, fofocas, conversas sem limites. Dessa maneira, o homem torna-se melodramático. Na mulher, quando há influência do animus de forma negativa, ela acaba se tornando fria sentimentalmente, podendo ser violenta e prepotente (PEREIRA, 2010).

Quando projetamos no outro algo prejudicial, é por que essa pessoa tem mais a ver com o que projetou do que com o sujeito que recebeu a projeção, ou seja, a projeção fala mais do sujeito que projeta do que do sujeito que é projetado. Isso significa que essas duas pessoas são incompatíveis, o que provocará um afastamento de ambas as partes (JUNG, 1980).

Os indivíduos acreditam estar conscientes no momento da escolha de um parceiro, porém essa escolha é determinada através da representação da anima e do animus, inconscientemente. Com a convivência, esses motivos, até então reconhecidos como conscientes, passam a não ser mais os responsáveis pela escolha dos parceiros. Então a mulher que era tão prestativa com o marido, torna-se dominadora. Da mesma forma, o marido antes ouvinte passivo das queixas da companheira, agora sente repulsa ao ouvi-la (PARDAL; BASSITI; WANDERLEY, 2008).

A projeção da anima e do animus causam reações nos relacionamentos conjugais, pois essas características dos arquétipos são projetadas desde a escolha do parceiro e perpetuam no convívio com o cônjuge (HILLMAN, 1981). Essas escolhas dependem dessa realidade psíquica tornando palpável esse contato com o mundo externo, que já é conhecido do indivíduo e conhecido da anima e do animus presente no interior do sujeito. Dessa forma, a escolha do parceiro está atrelada com os aspectos do mundo interior do sexo oposto, o que acaba facilitando o relacionamento conjugal devido a essa afinidade. Essas projeções vão

dando suporte ao casal, e poderá favorecer o olhar não desenvolvido da psique de um dos cônjuges (PEREIRA, 2010).

O ser humano tende a idealizar um parceiro para se relacionar. No entanto, essa busca pelo “ideal” gera frustrações, que incide em conflitos. Os indivíduos costumam dividir o sexo entre masculino e feminino, afirmando que as mulheres são, demasiadamente, abertas a vários tipos de relacionamentos emocionais. Já os homens se mostram racionais. Isso é demonstrado através de suas próprias questões projetadas em massa no parceiro idealizado, podendo ocorrer uma busca de uma fusão ou identificação, ocasionando variados conflitos e impossibilitando os indivíduos de alcançarem o processo de individuação (PAZO, 2009). Mesmo em se tratando de grandes transições sociais no feminino, podem ocorrer frustrações na relação conjugal, pois os motivos e possibilidades que levam o casal a se unir são distintos para os homens e mulheres (COLACITI; SARTORI, 2008).

Enfim, no outro é onde encontramos o que nos agrada e também o que não agrada em nós mesmos, surgindo, assim, paixões e ódios, escurecendo toda a existência do outro que fica camuflada. A projeção evocará alguns conteúdos inconscientes que inundarão nossa consciência de forma abundante. Seduzir o parceiro é seduzir a si mesmo, integrando características visíveis no outro das quais podem revelar divergências. O cônjuge não é apenas o que conseguimos enxergar, mas uma somatória de elementos desconhecidos. A sombra e os sentimentos, quando projetados, dificilmente conseguem se compor, por isso a necessidade da pessoa se encontrar como um desconhecido para que a paixão seja mantida. Com a rotina, o instinto de individuação da pessoa começa a exercer uma pressão, pois as próprias questões interiores começam a diferenciar as imagens projetadas no outro, surgindo assim os conflitos na relação conjugal (REIS, 2007). Quando o casal não reconhece os aspectos negativos das projeções do animus e da anima na relação conjugal, impede que esse relacionamento caminhe para a completude, fazendo-se necessário um auxílio terapêutico para identificação dessas influências arquetípicas e a busca de sua resolução.

### 3.3 RESOLUÇÕES

Todos os relacionamentos passam por conflitos, uns mais, outros menos. O casamento é um encontro de duas extremidades, podendo ser criativo ou desastroso. Podemos ver essa questão através do exemplo de um casal que se conhece e futuramente se casam. Durante todo relacionamento não tiveram conflitos significantes. Nesse relato, houve traição por parte do marido, onde a esposa relevou o acontecido devido ele ser um bom pai e um bom marido. É válido ressaltar que nessa circunstância, a quantidade de conflitos não interferiu na qualidade do relacionamento, pois o que favoreceu nesse caso foi o processo de individuação que acometeu as partes dessa conjugalidade (GOTO; KAMEI; FUJII; 2007).

É necessário que existam duas individualidades, duas polaridades, unindo-se e formando-se, um dueto respeitando e resguardando a essência de cada um (BENEDITO, 2015). Quanto mais consciência de si a pessoa tiver, mais conseguirá ter um relacionamento positivo com o parceiro, havendo harmonia nessa relação. Em uma relação, um parceiro precisa do outro, e há uma necessidade que se compreendam. De fato, é importante que haja um diálogo das emoções ocorridas nessa relação, e aos primeiros sinais de ciúme, inveja, é imprescindível para o casal procurar a ajuda de um profissional para que essa relação fique mais completa (COLACITI; SARTORI, 2008).

Diante dos conflitos conjugais destacados, vê-se a necessidade da comunicação de suas lamúrias nos momentos adequados aos parceiros, como uma estratégia para a resolução (GARCIA; TASSARA, 2001). Quando o casal não tem a capacidade de alcançar a dissolubilidade dos problemas fazendo uso da comunicação, faz-se necessário um apoio externo de um profissional qualificado, a fim de mediar os conflitos, no caso, o psicólogo na psicoterapia.

Numa relação conjugal, existem várias formas do casal se ajustar para que esse relacionamento perpetue. Quando aparecem as crises, elas podem ser pensadas como um período de mudança necessária, não como uma ruína. O casal recorre a técnicas que ainda não foram usadas para movimentar o equilíbrio dessa relação e enfrentar as mudanças cotidianas (REIS, 2007).

Para que a relação conjugal exista, é necessário que se estabeleça a confiança entre os cônjuges. Pensa-se a confiança como uma crença que se estabelece nos dias atuais. Há uma necessidade de se confiar em algo que não é palpável, pois a confiança também pode ser vista como um crédito que você fornece a outra pessoa para se afirmar uma credibilidade. Nas relações conjugais a pessoa que confia sabe até onde algo pode ameaçá-la, e essa confiança gera um comportamento de segurança à frente das dificuldades (OLTRAMARI, 2009).

É necessário que os cônjuges reconheçam o que o outro desperta em si e o que os incomodam. Continuamente, observa-se que um dos parceiros condena o outro, fazendo com que, inconscientemente, condene a si mesmo ou ao que deseja. A terapia trabalhará com os cônjuges a se sensibilizarem, cada um com a ferida do outro e dar um novo significado para esse conflito. É dispensável a ideia de certo e errado, bom e mau, caminhando em direção à alteridade de ambas as partes (BENEDITO, 2004).

Quando falamos de terapia conjugal, trabalhamos com dois indivíduos. Entretanto, o processo de individuação é conjugal, é potencializar o que a díade traz para a psicoterapia. Como muitos supõem, a terapia de casal não trabalha apenas para manter unidos os indivíduos, visa encontrar o caminho que seja transitável para os pares, não significando que continuarão juntos no relacionamento. Se o término do relacionamento proporcionar o processo de individuação de cada um, essa solução será a mais satisfatória (VARGAS, 2004).

Na psicoterapia é que os indivíduos detectarão a influência arquetípica presente no relacionamento conjugal. Cientes de tais influências, o casal terá o livre arbítrio para escolher o melhor caminho para atingir um nível satisfatório na relação.

### 3.4 LUMINOSIDADE ARQUETÍPICA

As projeções arquetípicas não podem ser consideradas boas ou ruins. Como o casal maneja essas projeções que é considerado importante para o relacionamento. Os arquétipos da anima e do animus já estão presentes em nossa psique e podem traçar um caminho para o conhecimento de si, sendo esse fator uma situação favorável para os cônjuges. Quando se verifica uma projeção, emerge no indivíduo a oportunidade de se conhecer, relacionar-se com os “parceiros invisíveis” que estão presentes em nossa psique (SANFORD, 1986).

Para que o indivíduo caminhe para o processo de individuação, é necessário que tenha um encontro com o seu lado masculino inconsciente, no caso da mulher, e o lado feminino inconsciente, no caso do homem. A anima e o animus, por serem arquétipos, carregam em si uma influência muito grande em cada cônjuge, e esses arquétipos são usados como uma conexão para que os parceiros entrem em contato com o mais profundo da sua alma. Eles podem ampliar a visão dos indivíduos sobre seus aspectos contrassexuais, e dar aos sujeitos uma visão sobre o que projetam, pois, os conteúdos projetados são nossos e não do outro (ALBERT, 2015).

Quando a mulher compreende os aspectos do animus no relacionamento conjugal, isso favorecerá que esse arquétipo trabalhe de forma positiva, desenvolvendo atitudes que condizem com seu aspecto masculino, sabendo discriminar as situações cotidianas no relacionamento, e abrindo um espaço para a expansão da criatividade feminina. De autoritária e dominante, a mulher passará a ter um animus criativo, e impulsionará a levar a vida com coragem (CHAGAS; CAMPOS, 2000).

Para se chegar ao problema do animus, deve-se verificar quais são as diferenças das imagens que carregamos no interior, distinguindo-nas das pertencentes ao nosso sujeito externo. O animus traz a energia para si até que ele possa conquistar um valor inoperante e se tornar independente. Por ser difícil de reconhecer o animus em nós, é necessário questionar como são nossas relações com as outras pessoas, conseqüentemente, examinar a maneira como respondemos a determinada sensação, para discernir a manifestação inconsciente do animus (JUNG, 1995).

Quando um homem aprende a conversar e ouvir uma mulher, ele próprio consegue um relacionamento positivo com seu Eros, valorizando os aspectos de sua anima. Da mesma forma a mulher, para desfazer os aspectos negativos e destruidor do animus, é necessário que esteja transbordando de uma alma mais potente que seu animus negativo (SANFORD, 1986).

No homem, a anima o levará a ter atitudes semelhantes a de uma mulher, sendo vaidoso, afável, perceptivo. Essa influência da anima quando comedida permitirá que o homem seja enriquecido nas suas relações pessoais. A natureza masculina em harmonia com a anima fará com que o homem amplie sua maneira de ser no mundo organizando sua psique e seus relacionamentos (PEREIRA, 2010).

Muitos casais se entregam quando passam por conflitos conjugais, e outros aproveitam essa chance para se desenvolverem e buscam uma trajetória para seu processo de individuação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve o objetivo contemplado, pois mostra a influência que os arquétipos da anima e animus produz nos relacionamentos conjugais e que muitas vezes o casal, não percebendo essa influência, deixa-se conduzir por esses conflitos, prejudicando, assim, sua relação com o parceiro. Percebe-se que os arquétipos quando constelados em sua forma negativa, produzem no casal um posicionamento ofensivo. Na mulher, o animus, quando tem autonomia, atua de forma destrutiva e negativa. Em contrapartida, a anima no homem pode

deixá-lo com comportamentos rabugentos, tornando-o murmurador e influenciando também na forma como reconhece os valores, predominantemente, femininos existentes em si e na parceira.

É manifesto que em todos os relacionamentos existem conflitos. As relações podem ser criativas ou desastrosas. Nota-se a necessidade dos dois manterem um relacionamento positivo com seu animus e anima, para que se compreendam e haja um diálogo das emoções nessa relação. É relevante o estudo do tema da influência arquetípica na conjugalidade, para que os indivíduos amplifiquem a visão de si e do outro, pois, quando o casal reconhece o que os incomoda, constroem uma visão amplificada dos seus aspectos contrassexuais, levando-os à criatividade.

## 5 REFERÊNCIAS

ALBERT, S. C. “A conjugalidade na psicologia analítica”. In: **Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.

ALMEIDA, T. **O ciúme e suas consequências para os relacionamentos amorosos**. Curitiba: Certa, 2007.

ALMEIDA, T; RODRIGUES, K. R. B; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de psicologia**, v. 13. N. 1 p. 83-90. São Paulo, 2008.

ANDRADE, L. V; DELA COLETA, M. F. Satisfação Conjugal: Aspectos Relacionados e Diferenças de Gênero. In: XXXII Reunião Anual de Psicologia, 2002, Florianópolis, SC. **Resumos de Comunicações Científicas - XXXII Reunião Anual de Psicologia**. Florianópolis, SC: IOESC - Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. p. 405-406.

BANDELI, S. M.; CARDOSO, D.S.; DALCO, I.C. **Ciúme e Inveja: a presença da sombra nos relacionamentos**. 2003. 33f. Artigo Científico (Formação em Psicologia Analítica Junguiana) – Instituto de Psicologia Junguiana de Bauru e Região. Bauru, 2003.

BENEDITO, V. L. D. Y. “Abordagem Simbólica do Conflito Conjugal: O corpo em cena”. In: **Laços Amorosos: Terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2004, p. 87-94.

\_\_\_\_\_. “Eros e poder na conjugalidade e na terapia de casal”. In: **Terapia de casal e de família na clínica junguiana**. São Paulo: Summus, 2015, p. 59-78.

BRANDEN, N. **A psicologia do amor: o que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

BYINGTON, C. A. B. A inveja também pode ser Boa e Criativa. **Psique: ciência e vida**. n. 3. São Paulo: Escala, 2005<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. O ciúme e o amor: Um estudo da psicologia simbólica junguiana. **Psique: ciência e vida**. n. 2 São Paulo: Escala, 2005<sup>b</sup>.

CARNEIRO, T. F. Casamento Contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psic. Reflex. Crit.** Vol. 11 N. 2. Porto Alegre, 1998.

CAROTENUTO, A. **Amar Trair: Quase uma apologia da traição**. São Paulo: Paulus. 2004.

- CENTEVILLE, V.; ALMEIDA, T. Ciúme romântico e sua relação com a violência. **Psic. Rev.** Vol. 16, n. 1 e n 2. São Paulo, 2007, p. 73-91.
- CHAGAS, M. I. O. ; CAMPOS, T. C. P. O complexo paterno na psique feminina e a sua influência nos relacionamentos heterossexuais numa perspectiva da psicologia analítica. **Bol. inic. cient.** psicol;1(1):7989, jan. dez. 2000.
- COLACITI, A. K; SARTORI, H. R. V. B. A Vivência Psicológica do Relacionamento Conjugal: A posição de Jung. **Rev. Cient. Elet. Psic.** Ano VI. N. 10. São Paulo, 2008.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília, 2.ed.: Liber, 2005.
- FRANZ, M.L. O processo de individuação. In: JUNG, C.G. (Org.). **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.158-229.
- FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GARCIA, M. L. T; TASSARA, E. T. O. Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 14, n. 3, p. 635-642, 2001.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HILLMAN, J. **Estudos de psicologia arquetípica.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1993.
- GOTO, T. A; KAMEI, H; FUJII, S. A influência dos tipos psicológicos no relacionamento de casal. **Psicol. Argum.** V.25. n. 48. p. 27-38. Jan/Mar. Curitiba. 2007.
- JUNG, C. G. **Aion:** estudos sobre o simbolismo do si mesmo. V.IX/2. São Paulo: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Arquétipos e inconsciente coletivo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O Eu e o Inconsciente.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia do Inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1980.
- JUNG, Emma. **Anima e Animus.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psic. em Est.** Vol. 14 n. 4 p. 669-677. Maringá, 2009.
- PARDAL, A. E. C. P; BASSITI, D. P; WANDERLEY, K. S. A dinâmica inconsciente na escolha de parceiros para o casamento. **Bol. Psic.** Vol. LVIII, N. 129. São Paulo, 2008.
- PAZO, C. G. **Relações Conjugais Violentas:** Por que o amor é tão difícil? Santiago de Chile, 2009. Disponível em:



[http://imaxinal.org/artigos/art\\_pdfs/relacions\\_conjugais\\_violentas\\_c\\_pazo\\_chile.pdf](http://imaxinal.org/artigos/art_pdfs/relacions_conjugais_violentas_c_pazo_chile.pdf) . Acesso em: 16 de set. 2016.

PEREIRA, L. F. **Anima e animus**: um olhar sobre seus reflexos na psique e relacionamentos. 2010. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4wISrft9-wJ:www.symbolon.com.br/artigos/anima\\_e\\_animus\\_pubsymbolon.docx+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4wISrft9-wJ:www.symbolon.com.br/artigos/anima_e_animus_pubsymbolon.docx+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 16 de set. 2016.

REIS, M. R. **Crises Conjugais**: Riscos e oportunidades. 2007. Disponível em: [http://www.marfizareis.com.br/textos/crisis\\_conjugais\\_-\\_riscos\\_e\\_oportunidades.pdf](http://www.marfizareis.com.br/textos/crisis_conjugais_-_riscos_e_oportunidades.pdf) Acesso em: 15 de set. 2016.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino em cada um de nós. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUSA, D. L; SANTOS, R. B; ALMEIDA, T. Vivências da infidelidade conjugal feminina. **Pensando famílias**, p. 197-214, Dez. 2009.

VARGAS, N. S. **Terapia de casais**: uma visão junguiana. São Paulo: Madras, 2004.